Entrevista com Bernardina da Silveira Pinheiro, tradutora de Ulisses

Vitor Alevato do Amaral

Às vésperas de completar 97 anos, Bernardina da Silveira Pinheiro, professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, recebeu-me em seu apartamento, no dia 26 de janeiro de 2019, para uma entrevista sobre James Joyce.

"Tenho muito prazer em falar sobre Joyce", disse logo a tradutora, quando eu agradeci pela generosidade em receber-me. Responsável pela segunda tradução de *Ulisses* (*Ulysses*, 1922) em português do Brasil, seu contato com a obra de Joyce vem da década de setenta, quando ensinava *Dublinenses* (*Dubliners*, 1914) e *Um retrato do artista quando jovem* (*A Portrait of the Artist as a Young Man*, 1916) em turmas de graduação. As aulas sobre *Ulisses* viriam na década de oitenta, quando a professora começou a lecionar na pós-graduação. Suas aulas sobre *Ulisses*, na universidade ou em cursos particulares, eram sempre baseadas em leituras feitas "capítulo por capítulo", para revelar "o trabalho de Joyce com a linguagem e com sua técnica narrativa extremamente inovadora: o monólogo interior, tendo por base o fluxo da consciência bergsoniano – *la durée*".

Para ela, a importância de ter traduzido Um retrato antes de *Ulisses* foi enorme. Bernardina se manifesta em relação à educação religiosa recebida por Stephen nos colégios jesuítas e ao fanatismo religioso de sua mãe, responsáveis pelo sentimento de culpa que continuam assombrando a personagem em *Ulisses*, em cujo primeiro capítulo Stephen é lembrado de não ter se ajoelhado aos pés da cama da mãe em seu leito de morte e a seu pedido rezado por ela com os outros membros da família. O sentimento gerado por essa lembrança viria a dissipar-se mais à frente no romance ("Circe", capítulo 15).

Para Bernardina, Um retrato é também "a primeira abordagem psicológica de Joyce. É Stephen que nos conta tudo. É através de sua mente que sabemos do que se passa no romance". Há também uma identificação pessoal da tradutora com o primeiro romance de Joyce. Ela também estudou em escola católica e disse lembrar-se bem da ênfase "no pecado e no inferno que se dava nos retiros religiosos nos colégios à época". *Um retrato* é considerado por ela como uma "obra-prima de perfeição técnica narrativa e musicalidade sem igual na obra ficcional de Joyce". Eu pergunto se ela revisou sua tradução de *Um retrato* e ela afirma que o texto utilizado já havia sido revisado por ela ao passar da Editora Siciliano para o selo Alfaguara da Editora Objetiva.

Em 1995, veio a relação com a escola de psicanálise Letra Freudiana, onde Bernardina todos os anos, até hoje, participa ativamente da comemoração do Bloomsday. Por sua atuação, em 1999, foi convidada a tornar-se colaboradora da instituição, "embora não seja psicanalista", ressaltou ela.

A entrevistada declarou sua fascinação pela linguagem de Joyce. Em nome desse fascínio, nunca leu *Finnegans Wake* (1939): "tenho o livro, mas nunca o li. Não quis ver Joyce desconstruir a linguagem de que tanto gosto. Mas ainda pretendo lê-lo", contou.

Indagada, declarou que esteve com Houaiss uma vez, rapidamente, durante um Bloomsday[1] organizado por Peter O'Neill, então funcionário da Embaixada da Irlanda. Também assistiu a uma palestra sua na Academia Brasileira de Letras, durante a qual o filólogo

e primeiro tradutor de *Ulisses* (1966) em língua portuguesa afirmou que a personagem mais importante do romance era Molly Bloom, o que a surpreendeu, revela Bernardina.

A entrevistada sustenta que a dificuldade real da prosa de Joyce em *Ulisses* não está na linguagem, mas nas alusões e na técnica narrativa do monólogo interior. Para ela, o problema da tradução de Houaiss é ter tornado a linguagem "comum, coloquial e ao mesmo tempo erudita de Joyce em hermética, rebuscada". Coloquial para a estudiosa não é menor, não é simples. "Eu usei o termo 'coloquial' em uma entrevista e pegaram ao pé da letra, tornando uma qualidade da linguagem de Joyce em algo negativo", ela lamenta.

Bernardina acredita que sua tradução de *Ulisses* foi bem recebida e teve correta atenção dos meios de comunicação. "Surpreendente" é como ela qualifica a recepção de seu trabalho, que, entre tantos reconhecimentos, obteve o terceiro lugar no importante prêmio Jabuti de 2006, na categoria tradução. Sobre a mesa, ela fez figurarem a estatueta e o catálogo oficial da premiação, que nos fizeram companhia durante todo o tempo da entrevista.

A primeira edição (2005), publicada pela Objetiva, teve duas reimpressões de mil e quinhentos exemplares cada. Ela ressalta que o desempenho excelente da editora na divulgação da tradução foi "em grande parte responsável por sua surpreendente recepção pelo público-leitor". A tradutora explica que realizou uma revisão de seu trabalho, mas que o resultado da revisão só foi incorporado ao texto da segunda reimpressão. Por esse motivo, quando a tradução passou para o selo Alfaguara (2007), da mesma editora, o texto já tinha sido revisado, gerando o que a tradutora considera uma verdadeira segunda edição revisada da tradução.

Seu cuidado absoluto foi em "não mudar uma só palavra", como Joyce teria pedido a uma tradutora dinamarquesa que talvez fosse traduzir *Ulisses*[2]. "Não se pode criar em cima da obra de um gênio", disse ela. Sua tradução começou pelo monólogo interior de Molly Bloom, que além de encantá-la lhe rendeu muitas risadas. Durante o processo de tradução, a tradutora disse que aproveitou muito da experiência de leitura com os alunos.

Segundo ela, foram suas alunas Maria Helena Carneiro da Cunha e Renata Salgado que sugeriram a Roberto Feith, diretor-geral da Editora Objetiva, que publicasse a tradução de *Ulisses*. "Ele então me convidou para traduzir a obra e me perguntou se eu cederia os direitos da tradução à editora. A negociação foi rápida".

A opção por traduzir a partir da edição preparada por Hans Walter Gabler foi da própria tradutora. Decisão amparada pelo conhecimento que tinha do trabalho por trás da edição realizado por Gabler. Apesar de saber da existência de traduções de Ulisses para outras línguas, a tradutora brasileira buscou distanciar-se delas durante a tradução: "eu evitava lê-las para poder traduzir apenas Joyce".

Quando chegamos à pergunta sobre *Ulisses* ser uma obra machista, Bernardina exclamou que o romance é "uma ode à mulher, à Molly, à Nora". A ideia lhe soou inconcebível. Ela lembra da culpa de Bloom pela masturbação na presença de Gerty MacDowell, uma jovem pura e inocente, considerada uma falta de respeito imperdoável ("Nausicaa", capítulo 13); do monólogo de Molly Bloom ("Penélope", capítulo 18), escrito com a consciência de uma mulher, não de um homem imitando uma mulher; e do beijo de Molly ao entregar-se a Bloom, que ele recebe como uma dádiva e pensa: "Ela me beijou. Eu fui beijado. Toda entregue, ela ouriçou meu cabelo. Beijou, ela me beijou. A mim. E eu agora" ("Os lestrígones", capítulo 8, p. 197). Tudo isso, diz Bernardina, "é o oposto do machismo".

Bernardina descreveu como "maravilhosa" sua relação de amizade com Richard Ellmann, que conheceu em 1985, na Inglaterra, quando fazia sua pesquisa de pós-doutorado em Londres sobre Joyce e o sentimento de culpa em *Ulisses*. Ela contatou Ellmann por telefone, cujo número obtivera através do British Council. Eles se encontraram em Oxford por três

vezes e assim construiu-se a amizade que duraria até o falecimento de Ellmann em 1987.

Ela avalia como muito positivo o papel dos irmãos Campos para os estudos sobre Joyce no Brasil. Mas lamenta que sua influência não tenha sido tão forte no Rio de Janeiro como foi em São Paulo.

Sobre os contos de Joyce, Bernardina aponta em todos a presença da epifania (revelação), mas destaca a revelação do sr. Duffy em "A Painful Case" como a mais marcante. Para ela, "A Painful Case" é "o conto mais bonito e mais penoso sob o ponto de vista emocional, pela solidão total por ele criada". No entanto o conto mais "importante" de *Dublinenses* é "Os mortos" que, "além de lindo, é um prenúncio emocionante do romance que Joyce escreveria em seguida: *Um retrato do artista quando jovem*. Ela destaca em "The Sisters" o fato de que a revelação não é da personagem principal, uma criança, mas do leitor: "o menino não sabe por que se sente aliviado com a morte do padre, mas o leitor, sim", explicou a professora, que prefere não comparar Joyce a outros escritores da língua inglesa, mas destaca Swift como um de seus favoritos.

Ao final da conversa, uma surpresa: ela me conta que seu marido, Caio César de Menezes Pinheiro, dono da Editora Universal, foi o responsável pela publicação da primeira edição de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, em 1946. Sem demora, um exemplar da primeira edição de *Sagarana*, com dedicatória do autor, me é trazido às mãos por seu filho Antônio Carlos da Silveira Pinheiro. Dada a presença da literatura na família, parece que traduzir Ulisses não foi mero acidente.

Notas

1 Peter O'Neill, irlandês que desde 1973 vive no Rio de Janeiro, me informou em dois e-mails de 27 de janeiro de 2019, em inglês, que "a primeira comemoração do Bloomsday no Rio de Janeiro ocorreu no Restaurante Garden (R. Visconde de Pirajá, 631 B, Ipanema), às 18h do dia 16 de junho de 1998". O'Neill, que "nunca ocupou qualquer posição na Embaixada da Irlanda", colaborou com o Embaixador José Olympio Rache de Almeida, que tinha sido embaixador do Brasil na Irlanda, e decidiu organizar aquele evento como medida para "trazer a tradição do Bloomsday para o Rio de Janeiro". A convite do embaixador, Houaiss, com a saúde já comprometida, compareceu. Ele morreria em 7 de março de 1999. O'Neill não dispõe de registros fotográficos do evento. [Nota e tradução do entrevistador].

2 A editora de Martins Forlag estava interessada em verter *Ulisses* ao dinamarquês. Joyce viajou para Copenhagen em 1936 e, na editora, o nome da sra. Kastor Hansen foi sugerido para traduzir o romance. Sem avisar, Joyce foi até ela e disse: "sou James Joyce. Entendo que é a senhora que vai traduzir *Ulysses* e vim de Paris para lhe dizer que não altere uma só palavra" (Ellmann, Richard. *James Joyce*. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1983, pp. 691-692). [Nota e tradução do entrevistador].